

A MAIOR DOAÇÃO

*** Roberto Rodrigues**

Já tratei nesta coluna de temas não agrícolas e, algumas vezes, até das coisas da alma.

Começo de ano é sempre tempo de reflexão, de assumir compromissos, de prometer melhorar... Por isso, também é hora de botar para fora algumas questões sem nenhuma vinculação com a economia rural.

Na verdade, tudo está muito misturado: o que todo mundo busca, conscientemente ou não, é a felicidade. Claro que se a situação econômica ou financeira de um indivíduo é ruim, a felicidade vai para o buraco. Portanto, não dá para tratar dos temas humanísticos sem ligar para o pragmatismo do dia-a-dia se as necessidades básicas não estiverem atendidas.

Mesmo assim, fui procurar no Aurélio o significado de felicidade, e lá encontrei uma porção de informações: feliz é quem tem alegria de viver, prazer, satisfação, ventura, contentamento. Depois fui ver o que cada um destes verbetes representava. E acabei voltando a uma velha tese: só pode haver isto tudo, se as coisas vão bem em três áreas – nas relações afetivas, no trabalho e na vida institucional (interação com organizações às quais as pessoas se associam ou de que participam).

Nas duas últimas – trabalho e institucionalidade – prevalecem os interesses econômico, financeiro e material. E a luta cotidiana consiste em se manter o equilíbrio nestas áreas.

Mas, é nas relações afetivas que está a base da felicidade. Se vai tudo bem nas outras funções e a gente está mal com as pessoas amadas, nada fica bom.

Fui de novo ao Aurélio para entender melhor o que é amizade e amor, pelo menos etimologicamente, porque o resto a gente sabe porque sente.

Amizade é o sentimento fiel de afeição, simpatia, estima ou ternura; implica em entendimento e fraternidade. E cada um destes termos tem significados similares. Sempre achei que feliz é aquele que tem 3 amigos verdadeiros, uma fortuna. E que amizades definitivas se formam via de regra na juventude, quando os pares não sabem de onde vêm, quanto ganham e nem se interessam por isso: o afeto se dá no nível espiritual, não no material.

Mas, e o amor? Ah, é ainda mais que amizade: é o sentimento que predispõe alguém a desejar o bem de outrem; é dedicação, devoção. Acho que se pode resumir dizendo que quem ama se devota ao bem estar do ser amado.

Claro que tanto a amizade quanto o amor só triunfam se a base de ambos for feita de respeito e admiração recíproca. Nada destrói mais facilmente uma união – e também uma imagem – do que o desrespeito. Este dá origem a outros sentimentos amargos e trágicos.

Se em geral as amizades mais sólidas nascem na juventude desinteressada, o que se passa com o amor? Só é durável se criado na mocidade?

Também não, de jeito nenhum. Só que é preciso ter juízo e clarividência para separar o amor da paixão, a chama da brasa. É preciso saber se doar, renunciar a privilégios. É preciso trocar o conforto dolorido da individualidade

pela solidariedade. Mas, fundamentalmente, é preciso abrir a intimidade para a amada. E é aqui que reside a grande magia. De acordo com o Aurélio, íntimo vem da alma, do âmago; intimidade é afeição com confiança ilimitada. Abre-se a alma à pessoa amada, entrega-se a ela, e esta é a maior doação. Nada é mais extraordinário que a intimidade completa entre duas pessoas que se amam de verdade.

E quando o amor acaba, nada é mais triste do que não poder seguir compartilhando a própria alma.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**